



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Famílias e Curso de Vida [ST]

TRANSIÇÕES, ESPAÇOS E ENVELHECIMENTO

LALANDA, Piedade

Doutoramento, Universidade dos Açores, piedade.lalanda@sapo.pt; maria.pl.mano@uac.pt

Resumo

O envelhecimento, mais do que um processo biológico, confunde-se com a trajetória ou percurso de vida. A sua definição está marcada e associada a transições, vividas de forma diferente em função dos atores, das suas histórias e dos contextos sociais e familiares em que se inserem.

Enquanto processo de construção e reconstrução identitária, envelhecer significa reconfigurar o *mapa identitário* (Lalanda, 2003, 2015) ou seja, o modo como os diferentes domínios de identificação ou espaços (Augé, 2014) se conciliam e constroem a identidade, num determinado momento do percurso de vida.

Podemos analisar o envelhecer na perspectiva das perdas de papéis ativos (teoria funcionalista) ou compreender este processo numa ótica interacionista e fenomenológica (simultaneamente de reorganização, reconfiguração existencial e adaptação).

Pretende-se, nesta comunicação, abordar a relevância do conceito de *espaço de identificação* no processo de envelhecimento, analisando o modo como as transições, da reforma ou da viuvez, alteram o *mapa identitário* dos idosos e correspondem a mudanças nos territórios de referência, particularmente ao nível do espaço doméstico. Importa conhecer em que medida o idoso, ou sénior, decide ou é compelido a alterar a sua relação com o espaço doméstico, inclusive ao ponto de abandonar (Caradec, 2015) essa referência identitária, em prol de uma coresidência com descendentes ou de um acolhimento institucional.

Propomo-nos refletir, a partir de um conjunto de entrevistas em profundidade, sobre o modo como as transições, da reforma e/ou da viuvez, marcam o processo de envelhecimento (Caradec, 2015) e alteram ou reconfiguram o *mapa identitário* atual do idoso, avaliando o lugar dos espaços de referência, que resultam da sua trajetória vivida (familiar, profissional entre outras), no sentido da coesão ou do desfasamento entre o que a pessoa entende ser e aquilo que a idade lhe devolve como imagem. A propósito, Alain Touraine refere numa entrevista (2000), "sinto a velhice entrar em mim, mas ela não sou eu. É uma intrusa que se instalou na minha casa e estende o seu domínio, mas que me é estranha e não tenho intenção de me vergar às suas ordens".

Abstract

Aging, more than a biological process is intertwined with the history or life path. Its setting is marked and associated with transitions, experienced differently depending on the actors, their histories and social contexts and family to which they belong. While the process of building and identity reconstruction, aging means reconfiguring the identity map (Lalanda, 2003, 2015) that is, how the different fields of identification or spaces (Augé, 2014) are conciliated and build an identity in a certain time of life course. We can analyze the aging from the perspective of loss of active roles (functionalist theory) or understand this process in interactionist and phenomenological perspective (both reorganization, existential reconfiguration and adaptation). It is intended in this paper, addressing the importance of identifying space concept in the aging process, analyzing how the transitions, retirement or widowhood, change the identity map of the elderly and account for changes in the reference territories, particularly the level of domestic space. Important to know how elderly people or senior, decides or are compelled to change their relationship with the domestic space, even abandoning (Caradec, 2015) this identity reference choosing to live with descendants or in a host institutional. We propose to reflect, from a set of in-depth interviews, how the transitions, retirement and / or widowhood, mark the aging process (Caradec, 2015) and change or reconfigure the current identity map, considering elderly evaluating about the importance of reference spaces that result from their lived history (family, professional and others), in the sense of cohesion or the gap between what the person believes and what age gives you back as a picture. Alain Touraine relates in an interview (2000), "I feel old age get in me, but it's not me. It's an interloper who settled in my house and extends its dominion, but that is alien to me and I have no intention bending myself to his orders".

Palavras-chave: envelhecimento, transições, percurso de vida, mapa identitário

Keywords: aging, transitions, life course, identity map.

[COM0083]

1. Introdução

A velhice tornou-se sociologicamente pertinente no atual contexto de acentuado envelhecimento demográfico.¹

A velhice e o envelhecimento deixou de ser vivida por velhos, para passar a serem idosos, reformados ou a terceira idade. Com o aumento da esperança média de vida, surgem duas novas categorias, os "seniores" e a "quarta idade".²

Sendo o envelhecimento um processo, a velhice apesar de recordar o limite existencial é prova da crescente longevidade do ser humano.

Mas será que envelhecer se resume a viver mais anos?

As idades, ao serem utilizadas para definir etapas, não sintetizam e muito menos correspondem ao significado que os atores lhes atribuem. Por serem marcos estáticos, as idades não concretizam nem revelam o processo do envelhecimento. Em que medida as transições, por exemplo a reforma, determinam mudanças no percurso de vida? Será que basta seguir o fio condutor da idade ou olhar o processo identitário, enquanto dinâmica plural?

Procuramos refletir sobre a experiência do envelhecer, olhando as transições, particularmente a reforma, em mulheres com mais de 60 anos, observando os espaços onde se refaz e se reconstrói a identidade.

Até que ponto o fim da atividade profissional corresponde ao retomar o papel de mulher cuidadora e doméstica? Como se redefinir dentro ou fora desse espaço doméstico, que habitualmente centrifuga a existência da mulher/mãe, num tempo em que o emprego deixou de ser uma razão para "sair de casa"?

2. Envelhecimento e transições

Ao abordarmos as transições, após a saída da vida ativa, somos confrontados com a "perda" de determinados papéis sociais com impacto na identidade (Caradec, 2015), particularmente para mulheres que projetaram na vida profissional uma dimensão de realização, em paralelo com a vida familiar. Ao saírem do mundo profissional, altera-se a dinâmica familiar, com a autonomia dos filhos.

Que lugar para a mulher quando termina a vida ativa? Regressar ao lar e recuperar o papel da doméstica ou reencontrar-se com uma identidade latente, que foi condicionada por compromissos familiares e profissionais?

Propomos abordar a relação entre "envelhecimento e identidade", tendo as transições de vida, como lugares privilegiados de observação do envelhecimento (Caradec, 2015:96), procurando entender o modo como o abandono da vida profissional favorece outras formas de integração social e de autodefinição. Caradec (2008, 2015) propõe-nos um modelo baseado no conceito de "déprise", que podemos traduzir como "desligamento" ou "relaxamento" da atividade, enquanto estratégia para lidar com esse novo tempo que se abre após a reforma ou nas idades mais avançadas. Um processo de desligamento, mais ou menos acentuado, em função das condições físicas, psicológicas e socioeconómicas.

Tempo e espaço interligam-se e, como refere Elias (2014:112), "qualquer mudança no espaço é uma mudança no tempo". Não é possível permanecer num espaço inalterado, enquanto o tempo faz o seu percurso, nós somos também essa entidade que avança com o tempo, o mesmo é dizer envelhece.

Significa isso que observar o percurso do tempo ou da vida implica identificar diferentes espaços ou universos relacionais, que estruturam o mapa identitário (Lalanda, 2015) em cada momento.

Baseando-nos em cinco entrevistas compreensivas, de mulheres reformadas³, iremos analisar em que medida a alteração da relação com o espaço profissional reconfigura o "eu", numa idade em que é habitual rememorar o passado.

Entender o modo como cada pessoa envelhece implica cruzar o modo como viveu, com as estratégias que marcam o seu presente e a perspetiva de futuro. Como refere Caradec (2015), o olhar da sociologia não se

fixa nas questões da dependência ou mesmo na decadência que a idade pode implicar, esse tempo que o corpo carrega em anos e alterações, mas atenta à forma como os indivíduos encaram e enfrentam momentos/acontecimentos que configuram transições no seu percurso de vida, feito de muitas conexões/espacos que se alteram, nomeadamente aquando da perda de um/a companheiro/a, na reforma, depois da saída definitiva dos filhos, com a chegada dos netos ou perante uma doença crónica, para referir as mais comuns.

2.1 Transições como tempos de reconstrução identitária

As transições, particularmente as que acontecem na faixa etária entre os 60 e os 70 anos, são momentos de excecional autorreflexividade que colocam o indivíduo perante a sua circunstância e um leque diversificado de possíveis, que se abrem, no processo de desconstrução que qualquer transição implica, nomeadamente ao nível do reconhecimento. Ao mesmo tempo que reconhece "Ser/ter sido" (Caradec, 2008:9) trabalhadora, esposa, mãe a tempo inteiro, envelhecer significa confrontar-se com o sentimento de ser/deixar de ser ou deixar de se sentir necessário.

Em face destas ambivalências, os reformados sentem necessidade de gerir o tempo libertado pela reforma, refugiando-se nas tarefas domésticas, como Esmeralda, ou encontrando formas para "desligar" do mundo ativo, como referia Helena, fazendo pesquisas na biblioteca; Eduarda que assume responsabilidades numa associação profissional; ou ainda Antónia que integra um projeto político local e assume diversos cargos em instituições de solidariedade social e Rita que mantém um papel de formadora em organismos de cariz solidário.

Da análise das narrativas estudadas, identificamos três tipos de mulheres, a que regressa com gosto ao espaço da casa e até afasta o companheiro das tarefas domésticas, a que reage negativamente à perspetiva de voltar a estar disponível em permanência para as tarefas domésticas e ainda a que tendo levado uma vida focada na defesa de valores cívicos, deixa a profissão para acompanhar os pais, no final da vida e se envolve em atividades cívicas.

Esmeralda representa o primeiro tipo de mulher para quem a reforma lhe devolveu a vida "de casa", onde se sente realizada, como confirma Joaquim, o marido:

"isso não é ser machista, o trabalho da mulher em casa nunca está feito e é essa a forma que ela pensa e não a critico por isso. (...) oh mulher... eu fiz isso quando eles eram pequeninos, passava a ferro, limpava a casa, ajudava, mas quando saíram todos de casa, dizia eu quero fazer isso, e ela dizia e o que é que eu vou fazer, vou me sentar numa sofá. Ela não me deixava." Joaquim, 71 anos.

Ao invés, para Rita a vida doméstica não é um espaço que a realize, até porque considera que nesta fase (reformada e com os filhos fora de casa), o seu papel é de suporte e não estar disponível em permanência, e acrescenta, "ninguém reconhece o trabalho doméstico".

"Sinceramente, quem me dera gostar de ser doméstica" mas, "quando fazes para os filhos ou netos, é te imputada uma responsabilidade de fazer aquilo, que tu podes sentir que não a tens e que, no fundo, precisavas que alguém reconhecesse que o estás fazendo. E essa questão da obrigatoriedade, que eu sinto que não tenho, dá uma certa má disposição e um certo azedume no fazer das coisas. Não é o fazer, que não me custa fazer, mas não custa nada reconhecer, agradecer, porque aquele não é (*enfase*) o meu papel, o meu papel é de suporte. (Rita, 64 anos)

Helena sempre quis estudar, pesquisar e por isso, encontrou nessa atividade um modo de transição para ocupar o tempo que a reforma libertou.

"no primeiro ano de reforma, como estava habituada a sair às 7h da manhã, e tinha de me ocupar, Comecei a ir para a biblioteca pública e aí passava a manhã inteira, enquanto as (*filhas*) mais novas estavam no Liceu (...) (*Uma dizia*) oh mãe em história eu preciso disso... então eu fazia a investigação que eles deviam fazer. Mas foi mais, para me ir habituando a ter coisas e depois ir desligando." (Helena, 69 anos).

Já no caso de Antónia, encontramos um terceiro tipo de mulher que, não tendo casado ou tido filhos, teve um percurso marcado por constantes desafios profissionais e mudanças de território, aliado a uma atividade política, para quem a reforma corresponde ao compromisso assumido com os pais, de cuidar deles quando ficassem dependentes de terceiros e, ao mesmo tempo, coincide com um retomar um certo ativismo político:

"Quando me reformo levava também as expectativas exageradas de ser útil ao meu concelho e fazer uma coisa que gosto de fazer, do que eu percebo um pouco ou muito. (...) E depois eu vim com o objetivo dos meus pais, que ainda foram 4 anos, eu estava feliz porque eu tinha ganho dinheiro e estava a dar-lhes um fim de vida ótimo, a fazer tudo por eles. Desgraça foi depois, quando o último estava na cova... aí é que eu percebi... porque comecei a ver as portas a fechar-se.... (Antónia, 72 anos).

Envelhecer é vivenciar um conjunto diverso de transições, mas não existe uma forma linear de viver esses acontecimentos. No entanto, são relevantes o reconhecimento, o sentimento de utilidade e a alteração na relação de dependência com outros significativos. Apesar de já não estarem dependentes, os filhos continuam a ocupar um lugar central nas relações afetivas destas mulheres, já que, à medida que a idade avança, é inevitável o confronto com o desaparecimento de parceiros, colegas ou amigos da mesma geração.

3. A velhice não é uma idade

Muitas vezes situada a partir dos 60 ou dos 65 anos, a velhice não corresponde a uma categoria de idade, nem pode ser determinada a partir da reforma ou da viuvez (Caradec, 2015:96).

A idade, tal como a identidade, não se sintetiza num determinado conjunto de característica ou traços, mas implica compreender, na subjetividade operativa, o sentido que não se reduz ao lugar social ou aos papéis que se ocupam num determinado momento (Kaufmann, 2014:11-14). Quando se pergunta a alguém com mais de 65 anos, "considera-se uma pessoa velha?" A resposta é por norma negativa. "Velhos são outros", sobretudo os que estão mais limitados do ponto de vista físico. "Eu ainda não me sinto velha", diria Esmeralda com 70 anos, ou então como refere Helena, de 69 anos "Eu não me sinto velha, porque eu faço tudo".

Tal como refere Jean-Claude Kaufmann (2014:11-14), a propósito da identidade, a idade, consequência direta do tempo histórico ou cronológico, não se confunde com as raízes, mas exige a compreensão do modo como a história foi vivenciada com um determinado sentido. Para além disso, a idade não é apenas um dado objetivo ou biológico, mas resulta de uma permanente reformulação, marcada por histórias que se entrelaçam e se contradizem.

Como refere Marc Augé (2015: 32a), "quanto mais ganhamos idade, mais se acumula em nós diversos tempos, diferentes passados e várias memórias".

Mais do que papéis sociais que se vão perdendo, importa analisar a forma como se vivenciam as transições (Caradec, 2015). A idade, tal como a identidade é muito mais do que uma referência fixa ou estável, insere-se no processo identitário e corresponde a processos de afastamento, abertura e redescoberta.

De acordo com Marc Augé (2015:32c), "quando me vejo ao espelho e digo a mim mesmo que envelheci, eu junto e reunifico, numa súbita tomada de consciência, o meu corpo, e os meus diferentes *eus*. E assim conclui, "eu envelheci, logo eu vivi. Eu envelheci, então eu sou". Por vezes, esse "espelho" está nos outros da mesma geração, que se aprecia com uma aparente distância: "como está velho aquele colega, que andou comigo na escola".(Augé, 2014:119)

Abordar o envelhecimento como processo identitário e a velhice como experiência (Caradec, 2015) significa considerar o idoso, não apenas como alguém com uma determinada idade com uma história datada, mas compreender o ator que interpreta o tempo vivido de forma subjetivada, onde diferentes histórias se entrelaçam num "percurso de vida" e respondem à pergunta: "quem sou eu?". Um "eu" que não se confunde com a idade inscrita no cartão de cidadão, mas que se reformula em permanência ao longo de uma existência datada.

Se, por um lado, os funcionalistas encaram o envelhecer na perspectiva da perda de papéis ativos, consequência da saída dos filhos, da morte do cônjuge ou companheiro, da reforma ou da perda de qualidade de vida, a abordagem interacionista e fenomenológica compreende este processo e esse conjunto de alterações, numa ótica, simultaneamente de reorganização, reconfiguração existencial e adaptação.

Adotamos a proposta de Kaufmann (2014), que considera o percurso identitário como resultado de uma "reformulação", para assim entendermos o envelhecimento na sua diversidade e não apenas como etapa conclusiva. A história dos mais velhos não está escrita *a priori*. Bem pelo contrário, envelhecer é reformular-se em permanência e, tal como a identidade, não é uma entidade fechada, homogênea e estável, mas um processo em aberto, particularmente nos momentos de transição significativos.

4. Envelhecer é perder autonomia

Perante a questão, O que é ser velho? encontramos resposta nas palavras de Augé, "o envelhecimento é uma realidade física, mas a idade é uma construção social" (2015:33). No entanto como refere o mesmo autor (Augé, 2014:148) nem sempre a consciência dessa perda de agilidade física acompanha o próprio envelhecimento biológico: *se tenho dificuldade em me baixar para apanhar as chaves que caíram, não deixo de ter presente em mim a imagem daquele para quem esse gesto não representava qualquer esforço.*

Abordar a problemática do envelhecimento implica separar o processo inexorável do corpo biológico, que se deteriora com a idade, objeto da geriatria, e o processo do tempo vivido, uma dimensão subjetiva que não acontece num momento determinado, nem representa uma identidade específica, mas antes corresponde a um conjunto de novas relações e desafios nunca antes concretizados.

Pierre-Henri Tavoillot (2015:30) divide a velhice em três tempos: a idade da reforma, a idade avançada e a perda de autonomia ou a dependência. Apesar de contribuírem para a compreensão do envelhecimento, corremos o risco de associar idades a cada um destes períodos, numa sequência que não é inevitável. Como referia Eduarda, alguns idosos são "velhos de cabeça" e outros vivem centrados excessivamente nos problemas de saúde:

"tem as doenças todas e só sabem falar de doenças. Isso mexe comigo, porque quanto mais falarem das doenças, não estão bem consigo próprias." (Helena, 69 anos)

No caso do presente estudo, estamos claramente perante pessoas dinâmicas, que não se consideram "velhas" e empurram essa condição para uma fase posterior, quando perderem capacidades físicas e ficar comprometida a própria autonomia nas ações de vida diária, nomeadamente para comer, deslocar-se ou fazer a higiene pessoal.

"eu acho que envelhecer é fisicamente, é verdade com certeza que psicologicamente também, mas para mim é fisicamente...quando eu começar a não fazer as coisas, eu acho que já estou velha. (Helena 69 anos)

(...)o pior de tudo é a pessoa não ser capaz, ...querer comer e não poder, querer ir à casa de banho e não poder, querer sair.. é a perda de autonomia. Ficar dependente de outras pessoas, isso é que me custa." (Eduarda, 64 anos)

"(não sou velha) enquanto eu for funcional e independente na realização das atividades de vida diária, nesse tipo de ocupação, ir viajar pelo menos uma ou duas vezes por ano." (Rita, 64 anos).

O envelhecimento, enquanto "perda" ou "incapacidade", obriga que se prepare o futuro, a velhice, por exemplo adaptando o espaço residencial. Dependendo dos recursos financeiros e do tipo de relação que estabelecem com os descendentes, o futuro ora passa pelo lar de acolhimento, sobretudo para não "pesar" na vida dos filhos, ora pela adaptação do atual espaço.

"Quando eu ficar dependente de alguém eu não quero incomodar nenhum dos meus filhos, eu vou para um lar e é num lar que eu quero ficar". (Helena, 69 anos)

"Já tenho a minha casa preparada, gastei dinheiro este ano numa casa de banho no andar de baixo, preparada para cadeiras de rodas, pus numa das salas uma cama, que parece um sofá (...); tenho uma cómoda com as gavetas vazias para por o que for preciso. Está tudo muito bem camuflado." (Antónia, 72 anos)

"eu digo (às minhas filhas), eu tenho a minha reforma e naquilo que não der cada uma de vocês há de contribuir, havemos de arranjar uma empregada para vir cuidar de mim a casa." (Eduarda, 64 anos).

"Espero não ficar incapacitada tão cedo, mas se me acontecer por volta dos 80 anos, provavelmente a minha filha estará com 60 anos, em plena atividade laboral, logo não vai ter disponibilidade para estar em casa comigo. Prefiro ter uma empregada para tratar de mim, e que o faça na minha casa. Prefiro estar no meu espaço e ter uma empregada de dia e outra de noite. (Rita, 64 anos).

Enquanto não acontece essa perda da autonomia dificilmente se autointitulam como estando ou sendo velhos, o que não significa que não reconheçam os sinais que esse processo implica.

"As dores nas costas, por exemplo, o engordar (riso ligeiro), tenho algumas lacunas de cabeça, a memória não se perde, destreia-se, mas noto que já não é a mesma coisa." (Eduarda, 64 anos)

"Há atividades que nós fazíamos antigamente que hoje não fazemos - eu agora levo o dobro do tempo (Esmeralda, 70 anos), e assim nós vamos sentido o peso da idade (Joaquim, 71 anos)."

Receiam essa degradação física, porque traz implicações na sua autonomia e põe em causa o estilo de vida que passaram a ter após a reforma.

"(*Estarei velha*) quando eu não puder andar, não interessa a idade, é quando acabar essa possibilidade que eu tenho, de fazer viagens sozinha!" (Helena, 69 anos)

4. Viver é reformular-se

A transição para a velhice não se confunde com uma idade ou um acontecimento. Cada indivíduo constrói-se e transforma-se a partir ou por causa desse momento. Não é uma condição objetiva, mas uma interpretação do devir humano que se abre para novos tempos, permitindo novos horizontes de expectativas e novas interpretações práticas (Michel, J. 2012).

O indivíduo não está condenado a um "destino" ou a um modelo tipificado e institucionalizado (Michel, J.) que se impõe aos indivíduos como um adquirido (é assim que as coisas acontecem), "é a vida" como refere a linguagem corrente, um condicionamento que justifica sentimentos de discriminação por parte de quem procurar "romper" com essa barreira de preconceitos e modelos acabados:

"quando eu vi que já não conseguia arranjar trabalho, ...eu era bastante classificado para qualquer trabalho, mas ...é a discriminação contra a idade" (Joaquim, 71 anos).

Abordar a velhice, numa ótica fenomenológica, significa ter em conta os processos e os significados atribuídos às ações. É nesse contexto que podemos entender a importância da *reformulação identitária*, que implica compreensão da experiência subjetivada da idade. Mais do que perder papéis, o indivíduo enfrenta a necessidade de se "desligar" para logo "reatar ou atar" novas ligações, na sequência de acontecimentos como sejam, o terminar uma carreira profissional ativa, a saída dos filhos do lar ("ninho vazio"), a perda de um companheiro ou até após recuperar de uma situação grave de doença.

Reformular-se é então o resultado desse desligar ou desatar, ao qual se segue um religar ou reatar, desta feita renovado, que pode envolver as mesmas pessoas (exemplo, filhos ou marido) ou novas relações (amigos, companheiros em associações, colegas de universidade ou movimentos cívicos).

Na medida em que se sente livre para se afastar ou renovar um laço, o idoso recupera a liberdade de escolha, em função dos recursos que dispõe e, sobretudo, faz apelo a uma memória de si próprio.

Esta foi sem dúvida a dimensão que nos surpreendeu no discurso das mulheres entrevistadas a propósito da sua vivência enquanto reformadas. Em todas essas narrativas encontramos o recuperar de um fio condutor

identitário e a valorização de um "eu" através de histórias/ligações anteriores, onde se percebe ou reconhece a continuidade de sentido no presente.

"isto vem dar origem a muitas coisas daquilo que eu sou" (...), "desde miúda que era a pessoa que falava com todos, sempre fazendo as pazes quando estavam mal; acho que nasci para isso, porque ainda hoje é assim, com outras coisas" (...) "comecei muito cedo a tomar conta da vida e a ter responsabilidades" (Antónia, 72 anos);

"eu não nasci para ser doméstica" (Rita, 64 anos);

Eu acho que quanto mais eu pesquisar, quanto mais ler, o meu cérebro estará sempre a funcionar, não vai parar. Para além disso, uma coisa muito importante, eu nunca fui pessoa de estar sentada a bordar; (*em criança*) a minha avó obrigava-nos, tínhamos de aprender, a bordar, a pregar um botão a fazer essas coisas todas. Eu fazia, mas mal acabava, a minha avó dizia, "está bem feito" . (...) era fazer à primeira, para quê? Para subir uma árvore e ir ler um livrinho. (Helena, 69 anos).

Envelhecer representa um desafio, "é a possibilidade para cada um de encontrar um terreno de expressão, um modo de afirmação do eu a fim de poder ser reconhecido" (Singly, 2006:122); um terreno ou espaço que não reduza o indivíduo à sua situação ou seja às expectativas que os outros formulam nessa circunstância, mas faça apelo a novos papéis ou competências. Mesmo quando nos referimos a papéis tradicionais, como o ser avó, a satisfação advém de projetar uma imagem que contraste com a expectativa.

Helena regozija-se com a descrição que a neta faz dela: "*tu és uma avó muito moderna, tens o teu email, vais para o computador, bordas, mas não andas de xaile*". (Helena, 69 anos).

A reformulação (Kaufmann, 2014) significa uma permanente procura de sentido, num contexto de alterações identitárias. Como refere o autor (2014:17) "estamos condenados a dar, quotidianamente, sentido à nossa vida, limitando a infinidade de possíveis, tendo por referência um determinado quadro de evidências, entre as quais a idade, e a condição biológica que implica, é uma delas."

Reformular-se é poder reivindicar uma identidade, que outros podem não reconhecer, mas que resulta do modo como cada indivíduo reage e assume determinadas pertenças (Kaufmann, 2014), seja ao nível do género, da idade ou da condição social.

Há uma sociologia do individual, que não se confunde com a abordagem da psicologia, mas desconstrói a identidade, ao mesmo tempo individual e coletiva, construída por referência a determinados modelos, papéis sociais, expectativas dos outros que, julgam, avaliam e condicionam o comportamento.

Ao recuperarem o fio condutor da sua própria identidade, as entrevistadas, reveem o quadro familiar e o modo como os seus próprios pais viveram ou vivem essa etapa e, assim relembram a relação que estabeleceram ou estabelecem com eles.

(*Imagem de idosa ativa*)"a minha mãe tem 92 anos e é uma barata; vive em Lisboa com uma irmã minha, que ficou viúva (...) e é ela quem toma mais conta, entre aspas, quem orienta, vai ao supermercado, diz ao Sr. o que precisa,... faz a sua vida toda, o crochet, a malha, o bordado. E eu estou sempre a pensar que vou chegar à idade dela e ser assim como ela, com essa atividade". (Helena, 69 anos)

(*Imaginando o que será se ficar acamada*)Posso ficar lúcida como a minha mãe morreu, até ao dia que morreu, mas posso ficar naquele estado que toda a gente faz de mim o que quiser (...)A única coisa que tenho remorsos foi não ter percebido certas reações da velhice dela como doente. Quando a minha mãe começou a usar fralda e a ser lavada por outra pessoa, teve uma reação... e todos tem, mas ninguém se apercebe..... eu depois fui estudar e fui ver, é porque ela teve a consciência que perdeu a sua independência.. Se eu tiver no meu juízo, quando eu tiver de usar fralda, eu vou me lembrar, da minha mãe. (*Cuidar dos pais*) ajudou muito muito a perceber e a dar mais atenção a pequeninos nadas, às birras, às teimosias." (Antónia, 72 anos).

5. Quando a reforma cria novos espaços

Sendo a identidade uma resultante de conexões e ligações, qualquer afastamento ou "desligamento" pode significar perda de reconhecimento e alguma perda de sentido, na medida que todo e qualquer laço social tem por base a necessidade humana de aprovação por parte dos outros

No entanto, o afastamento do mundo do trabalho, pode constituir um momento positivo (Singly, 2003) de reformulação e reorganização, quer do ponto de vista temporal, porque liberta um conjunto significativo de tempo de vida, quer em termos relacionais, porque obriga a procurar ou intensificar relações. No mesmo sentido refere Johann Michel (2012:24) "uma ação ou um acontecimento, seja por um processo de descontextualização ou contextualização, abre novas interpretações de sentido, novos horizontes de expectativas, novas apropriações práticas".

Dependendo dos recursos e da capacidade de os mobilizar, esta transição para a reforma associada ao síndrome do "ninho vazio" pode configurar uma verdadeira reorganização do mapa identitário.

"Quando não há nem uma coisa (emprego) nem outra (filhos dependentes), resto eu." (Rita, 64 anos)

Um novo espaço de realização surge como necessário, um domínio que não coincide com a casa ou a profissão, mas com o investimento em si mesma, a descoberta de outros mundos e de novos relacionamentos, a partilha em grupo de experiências culturais, de viagens ou de simples conversas e, ao mesmo tempo, o reconhecimento do sentido de utilidade, quer por via do apoio prestado à rede familiar (filhos e netos) ou em domínios de serviço público, na política ou em associações de solidariedade social.

A reforma pode ser vivida como um tempo de libertação, ancorada nos valores da autonomia e da liberdade individual.

Estou a me reencontrar mesmo, aquilo que eu gosto (...) estar num "centro comercial" sem horas.. sem saber ou sem prever que ninguém possa estar à minha espera, sem ter um almoço ou jantar que tenho de dar, sem ter que dizer o que é que eu fui fazer, porque é que eu saí, ou sentar-me a beber uma cerveja e uns tremoços, sozinha, a ver o mar, e ninguém me está chateando, isso é uma sensação de renascer, acredita, ninguém sabe o valor da liberdade sem a perder. . nem até perder, até reconquistar, porque eu nunca a tive. (Rita, 64 anos).

Pode ainda ser uma oportunidade para ser ou sentir-se útil, em organizações de voluntariado ou realizando atividades de serviço público, podendo até incluir remuneração.

"Não arrumei a carreira profissional, faço voluntariado em três sítios" (Rita, 64 anos)

"Depois de estar uns meses em casa, chateado, sem saber o que havia de fazer (risos), resolvi procurar um *part-time* que ainda faço hoje. Há 5 anos, estou a conduzir uma camioneta escolar e levar crianças para uma escola." (Joaquim, 71 anos)

A grande tensão reside sobretudo do lado das mulheres que, não se revendo a tempo inteiro no espaço doméstico, procuram concretizar, em outros domínios, uma identidade que reconhecem com reprimida e até violentada durante o período em que cuidaram da família, da casa e exerciam uma profissão.

Olhando o percurso marcado por um permanente serviço aos outros, as mulheres na reforma "aspiram a fazer algo por si, para serem ou tornar-se elas próprias entre permanências e mudanças" (Gestin, 2003:189).

Mulheres que se reformam por volta dos 60 anos acabam por ser facilmente absorvidas por responsabilidades familiares, nomeadamente por parte do cônjuge, quando também ele está reformado e dos filhos, em termos de apoio aos netos, uma atividade que muitas aceitam como ocupação e outras procuram conciliar com outros espaços, de realização pessoal. Como refere Gestin (2003:172) "o prolongamento da reforma conjugal assegura aos homens o prolongamento dos cuidados e do "afeto" da sua cônjuge até tarde e mantém as mulheres nas suas atribuições domésticas e familiares do "cuidar dos outros". Um papel que nem todas querem recuperar,.

Como refere Rita de 64 anos, o meu marido repetia, o que muitas das minhas amigas diziam, "em casa há sempre muito para fazer", ao que reagia dizendo, "*mas eu não gosto da vida doméstica*".

5.1 A reforma - rutura no presente, abertura para o futuro e recuperação de um passado latente

Das cinco mulheres entrevistadas, quatro reconstroem a sua vida diária após a reforma, libertas do compromisso diário com a família. Procuram outras atividades exteriores ao lar, recuperam traços identitários que consideram ter ficado latentes, durante o período em que se dedicaram, a tempo inteiro à família e ao emprego. Uma latência por vezes encoberta por deveres e papéis a desempenhar, seja na família ou no emprego, que abafaram ou negaram a própria identidade:

"nós levamos tanta pancada da vida, que chega a uma altura que a gente acha que merece levar aquela pancada, e foi mais ou menos o que me aconteceu, à medida que me iam frustrando as possibilidades de saída, eu ia integrando que se calhar aquele era o meu dever de mãe, de esposa". Rita (64 anos).

"comecei a ver que aquilo que eu gostava e a maneira de ser como eu era foi se diluindo ao longo dos anos, para dar resposta a objetivos que também eram meus (...). Levar a minha família a bom porto, com mãe e pai sempre foi um dos meus objetivos, tudo o que fossem viagens e formações, eu secundarizava esse aspeto ao bem estar da família, com as duas entidades parentais presentes. Achei que essa era a minha prioridade, porque senti que isso não beliscava o meu desempenho ou a maneira como exercia a minha atividade profissional. Portanto fui sempre secundarizando os meus gostos pessoais." (Rita, 64 anos)

Quando não conseguem reformular a ligação conjugal, uma vez que outros domínios também se alteram, nomeadamente a relação com os filhos (saída), a profissão (reforma), vivem mal a tensão criada e o desligamento inicial acaba por se transformar em rutura, em parte mitigada por uma continuada preocupação com o ex-companheiro.

Eu tinha uma vida familiar que era só eu e o meu marido, nós não convivíamos com ninguém (*reforça*), e eu tinha muito medo de isolar e de ficar fechada em casa. O meu marido estava reformado desde os 49 anos e nunca mais fez nada. Passava os dias, da cama para a mesa, da mesa para a televisão e da televisão para a cama e eu não queria uma reforma assim (Eduarda, 64 anos).

Reconhecendo que os companheiros sempre foram aquilo que agora revelam, ao fim de várias décadas de convivência, (mais de 30 anos de união conjugal), consideram que a profissão e o cuidado diário dos filhos, camuflou uma insatisfação não verbalizada.

"Tolerava-se melhor, disfarçava mais. Quando parou a atividade profissional, passou a pesar mais, porque também se agravou, da parte dele, o isolamento." (...) " Uma coisa é nós vivermos a partir das seis da tarde, outra coisa é um dia inteiro, desde manhã até à noite, com ideias de perseguição, que toda a gente lhe quer fazer mal, e eu não aguentava, e por isso me divorciei". (Eduarda, 64 anos).

"Enquanto houve trabalho e filhos a gente tinha um elo comum. Eu colaborei muito com os filhos, sempre fui um grande apoio dos filhos. Uma vez essa parte feita, finalizada, que depois retomou outra vez. (...)Quando fui para a reforma e cheguei a casa, deparei-me com as paredes (...) esvaziada de metas e objetivos de trabalho para fazer. (...) e com um marido com interesses e personalidades tão diferentes; começamos a entrar em conflito aberto"(...) Quando isso acabou (*deixei de estar superocupada*), ele também não estava preparado, para refazer novamente a sua vida para tornar a reescrevê-la comigo." (Rita, 64 anos)

A reforma abre espaço para rever o quotidiano. Afinal, como refere Rita "ele nunca se habitou a estar comigo em casa". Sentem necessidade de recuperar um espaço pessoal, relegado para segundo plano ou até anulado, em prol dos outros. Ao mesmo tempo, reconhecem que se divorciam porque não dependem financeiramente dos companheiros e, olhando o percurso vivido, reconhecem ter sido o suporte efetivo, inclusive financeiro, na educação dos filhos.

5.2 Investir em si, aprender e conviver

São três as dimensões identitárias, que marcam o sentido de vida destas mulheres após a reforma: a busca de reconhecimento, o sentimento de utilidade e a relação interdependente com outros significativos.

No caso de Antónia, uma promessa feita aos pais justificou o abandono da carreira profissional e o regresso a casa:

Eu um dia fiz-lhes a jura que quando eles precisassem de mim eu vinha para casa, com idade de reforma ou sem idade, ou com papas ou bolos, eu vinha. E começaram a perceber que a segurança da velhice deles era com a minha pessoa e não com os meus irmãos. (...) eu vim com o objetivo dos meus pais, que ainda foram 4 anos, eu estava feliz porque eu tinha ganho dinheiro e estava a dar-lhe um fim de vida ótimo. a fazer tudo por eles, desgraça foi depois, quando o último estava na cova.. (Antónia, 72 anos).

O novo espaço que se abre após a reforma, concretiza estas dimensões, ao mesmo tempo que assenta em relações reformuladas: com os pais ou com os filhos, assumem um papel de suporte, mais ou menos distanciado, mas sempre presente quando necessário; com o marido, uma cumplicidade ou um afastamento deliberado, com os amigos, uma escolha mais seletiva, preferem conviver com aqueles cuja amizade realmente conta e que reconhecem como tal.

"Acho que as pessoas só tem cinco amigos na vida no máximo, o resto são conhecidos. Aqueles amigos que podem estar na *conchichina* e a quem a gente pode telefonar" (Antónia, 72 anos)

Em termos de reconhecimento, o principal receio manifestado residia na perda do estatuto profissional e no que este representa de afirmação pública e reconhecimento social, neste sentido o ato de pedir a reforma é ao mesmo tempo uma estratégia financeira, de aproveitar as melhores condições de rendimento, de acordo com a lei em vigor, mas ao mesmo tempo, é uma decisão que não aguardam com pressa. Em alguns casos preferiam mesmo que demorasse um ano ou mais a ser concedida.

Quando decide pedir a reforma Helena tinha 59 anos e 36 anos de serviço, mas não estava muito certa dessa decisão, por isso afirma que fez várias tentativas mas, "felizmente nunca me deram".

No caso de Rita, foi a conjuntura legal que a levou a pedir a reforma, pois até estava numa fase produtiva, inclusive com uma dissertação de mestrado quase pronta.

Pedi (a reforma) por causa de uma contingência política da época. Com 36 anos de serviço eu teria 57 anos. Se esperasse mais um ano, passava para os 63 anos.(...) Eu sai no auge da carreira, estava mesmo na fase final da tese de mestrado. Quando pedi, pensei que levasse um ano ou mais, porque eu queria ter defendido essa tese" . (...)Mas a resposta veio um mês depois.

Foi tão rápido, que eu entrei em estado de choque, e nunca me lembro de ir para cama de não conseguir levantar, cai numa depressão que foi preciso a psiquiatria atuar quando eu entrei para a reforma."(Rita, 64 anos).

Sim, reformei-me antes da idade, coisa que não estava nos meus planos.(...) sempre achei que podia trabalhar, que não me queria reformar com 57 anos. Em 2002 começou a haver uma "efervescência" de gente a ir para a reforma. Muitas amigas minhas foram e diziam porque é que não vás. Mas eu tinha muito medo de me reformar, de ficar isolada. (...)Em 2005, quando foram anunciadas as novas regras da reforma, que ia aumentar em Janeiro de 2006, aumento de 6 meses por ano.... aí, comecei a pensar que, se calhar, tinha de ser....se não ia ficar prejudicada. (...)

Mas nunca mais, não senti a falta que eu julgava que ia ter do (*local de trabalho*). Não senti a falta, adaptei-me perfeitamente à ausência." (Eduarda, 64 anos)

5.3 Reencontrar sentido

Em todas as entrevistas realizadas, a reforma acontece de forma estratégica, motivada por um contexto legal favorável à antecipação da idade, sem grandes perdas financeiras, pelo menos no início.

No caso de Esmeralda, a casa recuperou o sentido que tinha quando era jovem e assumia tarefas domésticas, no lugar da mãe, que voltou a ser para o filho divorciado, que passou a viver de novo na casa dos pais:

"Éramos uma casa de 12 pessoas, a minha mãe só fazia a comida, e eu é que me encarregava do resto da casa, e sabe que lá é lavar roupa nos tanques e isso, fui sempre uma pessoa muito ativa, tomei a responsabilidade com quinze anos. Agora ficar sem fazer nada para mim era uma doença. Tinha de procurar fazer qualquer coisa. Como o meu filho veio, estou sempre ocupada. (Esmeralda, 70 anos).

Para as mulheres que não se reveem no trabalho doméstico a tempo inteiro, a reforma representa um retomar de projetos. Apesar do choque inicial, deixar de sair de casa para trabalhar, permitiu reformular o quotidiano e recuperar projetos pessoais, desejos acalentados:

Meti-me na universidade e era uma gula de ocupação de cursos. Não havia obrigatoriedade de frequentar, mas era obrigatoriedade de sair de casa, e era um convívio com pessoas muito diferentes. (...)O que me dá mais gozo e sempre me deu, é impressionante como esse fio condutor nunca morreu, é aprender. Eu adoro ser aluna, em todos os contextos. (Rita, 64 anos).

A universidade veio primeiro e, sobretudo, ir para o coro. (*risos*) E depois, para ir para o coro, convinha que fizesse mais alguma coisa. Da oferta que havia, nada de inglês, mas havia um curso de arquitetura das casas nobres em Portugal. Olha é uma coisa engraçada, nunca aprendi nada sobre isso, uma coisa que não conhecia nada e vou ouvir alguma coisa. (Eduarda, 64 anos).

"O meu dia normal, eu venho aqui para a Universidade, tem havido cursos lindíssimos...eu gosto muito... é verdade que já ouvi isto há muitos anos, mas é para manter essa vida (...)e quando chego a casa eu vou pesquisar". (...) eu para fazer uma coisa, como eu gosto, tenho de saber se é difícil, tenho de saber se eu consigo fazer." (Helena, 69 anos).

No caso de Antónia, quando a participação cívica deixou de a ocupar e sentiu que a estavam a afastar, resolveu enveredar por outras áreas que lhe proporcionassem convívio e aprendizagem, mas guarda a saudade dos tempos e das pessoas com quem partilhou ideais:

Vim para a Universidade, meti-me num grupo bom, começamos também a fazer coisas. (...) Sinto solidão, saudade da tertúlia, uma boa conversa, uma boa música, um bom partilhar este tipo de conversa, à volta de uma chávena de chá, isso eu sinto, porque nunca mais tive, porque as pessoas não tem disponibilidade. Vim para a Universidade julgando que isso podia acontecer, ...não! (*Que lugar ocupa a universidade?*) Satisfaz-me porque preenchi o tempo e ajudo quando estou a fazer qualquer coisa para os outros.. "(Antónia, 72 anos)

Apesar desta aparente perda de intervenção política, Antónia continua a sentir-se realizada prestando apoio a quem a procura, nas suas palavras, considera a sua casa um "moinho para tudo".

E sou ..., a minha porta é de "moinho para tudo", ainda ontem estive lá uma moça de 22 anos, para falar comigo (...) Fico contente porque fui útil. Eu penso que na minha idade que, o que nós queremos é nos sentirmos úteis, isso é muito importante." (Antónia, 72 anos).

6. Síntese conclusiva

"Ser-se alguém é ter um passado, mas é no presente que esse passado se atualiza, em confronto com um futuro antecipado. Memória, ação/atualização e antecipação são integradas e modelam o nosso sentimento de continuidade, mais ou menos confirmado através da interação com o Outro" (Brandão, A.M., 2014:135)

Para estas mulheres reformadas, a saída da vida profissional representou uma oportunidade de *reformulação* identitária em termos dos espaços significativos e da realização pessoal. Se há quem veja nesse tempo, o

regresso ao cuidar da família e o reencontro com uma identidade "interrompida", outras vivem o fim da vida ativa como o abrir portas ao investimento em si mesmas, em projetos pendentes de aprendizagem, mobilidade e convívio. A família mantém-se nesta fase como uma dimensão importante, no entanto, encaram o seu papel mais como suporte e não perspetivam uma relação de dependência que consideram, essa sim, expressão de velhice. Por enquanto são autónomas, no entanto conscientes de que o espaço onde vivem deve ter em conta o processo de perda de capacidades físicas.

O divórcio, após a reforma, é uma decisão que retoma o fio condutor identitário, "camuflado" pelas obrigações profissionais e o cuidado aos filhos, e abre um novo espaço não partilhado com os companheiros de uma vida. Esse afastamento, doloroso, que não anula uma preocupação latente pela vida dos ex-maridos, representa uma afirmação identitária que recupera o passado e projeta um futuro, que se quer aproveitar de forma ativa, mesmo contrariando as expectativas sociais, centradas no dever de dedicação à casa e ao suporte familiar.

A identidade é um processo de permanente reformulação, que prossegue um fio condutor único, enquadrado num contexto e recursos pessoais e sociais. Duas linhas de força parecem ser relevantes na experiência do envelhecimento, por um lado o sentimento de utilidade, ou seja, o reconhecimento por parte dos outros que alimenta a autoestima e o desejo de interação e, por outro, a necessidade de proteção/integração que implica a mobilização dos recursos pessoais e coletivos (Serge Paugam, 2013).

Em jeito de conclusão, não há uma idade que determine o início da velhice, mas antes, um processo de alteração do reconhecimento e da forma como são mobilizados os recursos, correlacionado com a perda de autonomia pessoal. Envelhecer é reformular-se mantendo o fio identitário que confere coerência e continuidade num processo marcado pelo avançar da idade.

Referências

Augé, Marc (2014), *Une Ethnologie de soi - le temps sans âge*, Paris: Ed. Seuil.

Augé, Marc (2015), Je suis hors âge - entretien publié in *Sciences Humaines*, n°269 (*Viellir, pour ou contre?*), pp. 32-33

Brandão, Ana Maria (2014), *Uma introdução à abordagem sociológica das identidades*, Famalicão: Ed. Humus.

Caradec, Vincent (2015), *Sociologie de la vieillesse et du vieillissement*, Paris: Ed. Armand Colin.

Caradec Vincent, Vieillir au grand âge, in *Recherche en soins infirmiers* 3/2008 (N° 94) , p. 28-41, www.cairn.info/revue-recherche-en-soins-infirmiers-2008-3-page-28.htm. DOI : 10.3917/rsi.094.0028.

Caradec, Vincent, Être vieux ou ne pas l'être, *L'Homme et la société*, 1/2003 (n° 147) , p. 151-167, www.cairn.info/revue-l-homme-et-la-societe-2003-1-page-151.htm. DOI : 10.3917/lhs.147.0151.

Elias, Norbert (2014), *Du temps*, Paris: Ed. Pluriel.

Gestin, Agathe, Temps, espaces et corps à la retraite: des paradoxes à penser, *L'Homme e la société* 2003/1 (n°147), pp.160-190

Kaufmann, Jean-Claude (2014), *Identités, la bombe à retardement*, Paris: Ed. Textuel.

Membrado, Monique, Salord Tristan (2009). Expériences temporelles au grand âge, *Informations sociales* 3/2009 (n°153),p. 30-37, www.cairn.info/revue-informations-sociales-2009-3-page-30.htm.

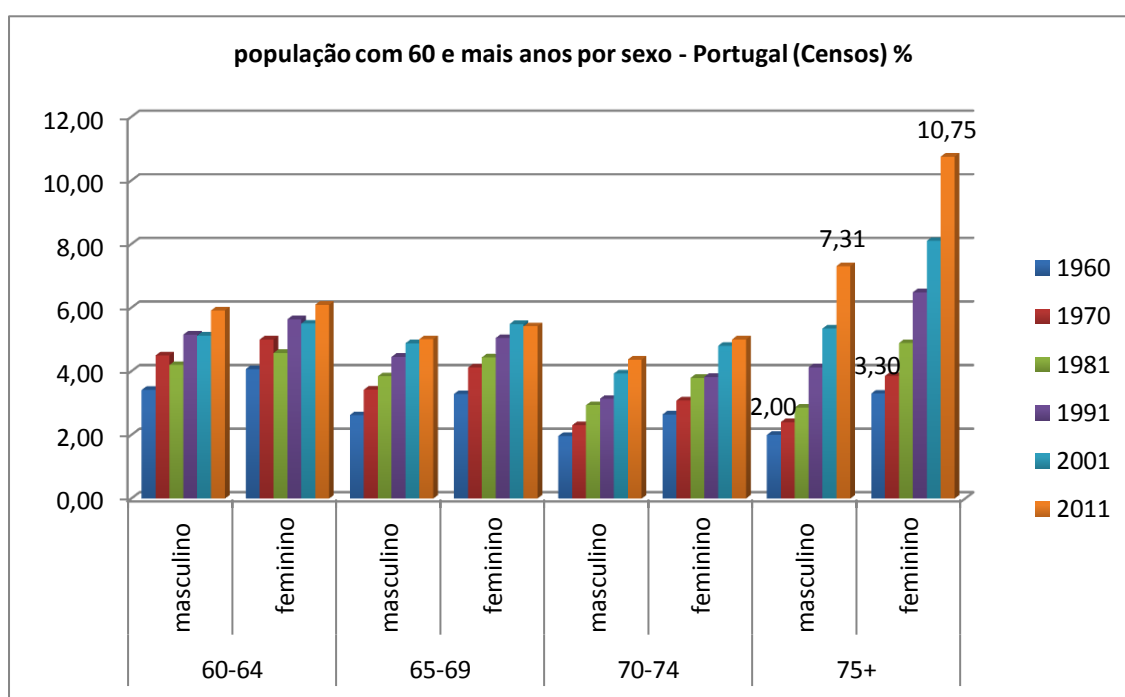
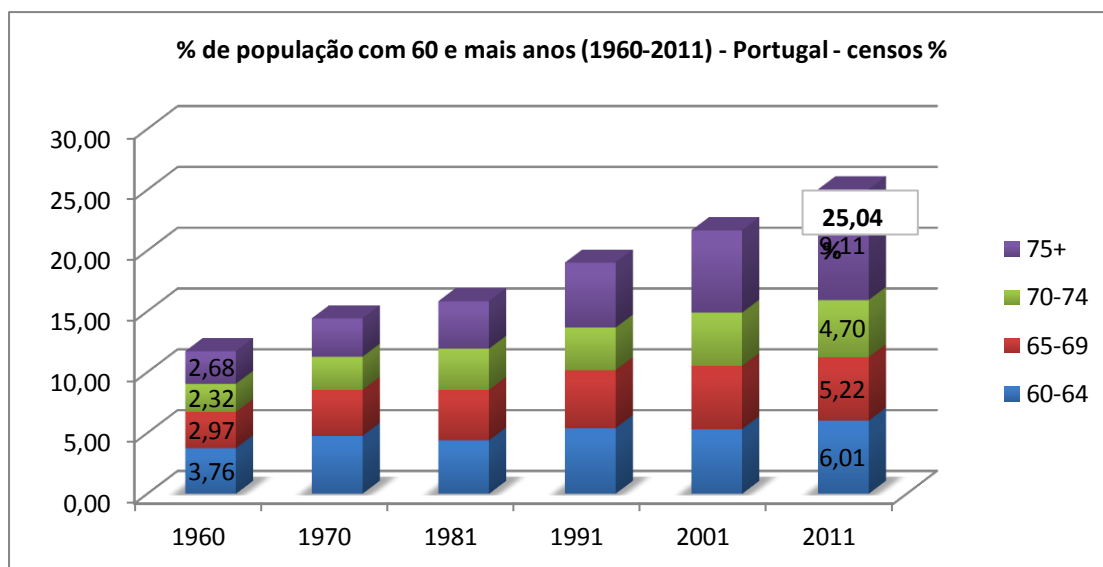
Michel, Johann (2012), *Sociologie du soi - Essai d'herméneutique apliquée*, Paris: PUF.

Paugam, Serge (2013), *Le lien social*, Paris: PUF.

Singly, François (2003), *Les uns et les autres - Quand l'individualism crée du lien*, Paris: Armand Colin.

Tavoillot, Pierre-Henri (2015), Face à l'âge, *Sciences Humaines*, n°269 (*Viellir, pour ou contre?*), Avril, pp.28-33

Anexo



¹ No caso português, a % da população com 60 ou mais anos passou de 11,7% em 1961 para 25,04% em 2011 (Censos), dos quais 9,11% correspondem à população com 75 e mais anos, que em 1961 representava apenas 2,68%.

² População com 80 e mais anos. Ver dados estatísticos em anexo.

³ As entrevistas compreensivas foram realizadas durante o mês de abril 2016, a 5 mulheres, reformadas com idades entre 64 e 72 anos. Num dos casos foi feita a um casal, emigrado nos E. Unidos, onde decorreu a entrevista. As restantes foram realizadas em Ponta Delgada e tiveram como população, um grupo de pessoas que frequentam a universidade, no âmbito do programa “Academia Sénior” da Universidade dos Açores.